



Escritora gaúcha se consolida como uma das vozes mais importantes na recente produção literária brasileira

## Reportagem Cultural

# Natalia Polesso, referência contemporânea

Rafael Gloria, especial para o JC

Ainda quando estava no doutorado, a escritora Natalia Borges Polesso criou um projeto despretensioso: a história em quadrinhos online *Escritora Incompreendida*. Com caráter autoficcional, trazia narrativas sobre uma autora que publicava textos que não eram, digamos assim, tão bem compreendidos. “Talvez funcione para todas as mulheres que escrevem: eu acho que a gente continua sendo incompreendida de algumas formas. Mas, também, qual texto não é, em algum momento?”, reflete. Com sete livros lançados em quase 10 anos de carreira literária

e passando por diferentes estilos, como conto, poesia e romance, Natalia, 40 anos, é uma voz importante na literatura contemporânea brasileira.

Reconhecida com premiações como o Açorianos e o prêmio Jabuti pelo livro de contos *Amora*, em 2016, atualmente ela mora na cidade de Lavras, no interior de Minas Gerais, com sua esposa, e ocupa sua rotina com vários projetos literários, trabalhos de traduções e estudos para concursos na área da docência na área da Teoria Literária. “Do que o autor ou a autora pensam em seu texto até a leitura do público, não se tem controle. Cada um tem a

sua visão do mundo, então muita coisa pode cair no abismo dessa tentativa, desse salto que a gente faz ao tentar se comunicar por literatura”, aponta.

Apesar dessa persona literária por vezes “incompreendida”, a obra de Natalia segue sendo referência e ampliando os horizontes da literatura contemporânea brasileira. A escritora, doutora em letras e professora Luciany Aparecida vê a escritora gaúcha atenta ao que se produz atualmente. “Ela é ligada ao que se tem feito de literatura no Nordeste e Norte do Brasil, por exemplo, e traz um olhar mais diverso dos lugares de classe e raça, gênero e orientação sexual”, diz.

Esse interesse genuíno pelo que é produzido hoje é uma característica que Moema Vilella, escritora e professora nos cursos de Escrita Criativa da Pucrs, também aponta. “É maravilhoso debater com ela e escutar suas reflexões e problematizações críticas, porque ela de fato está constantemente pensando criação e literatura no mundo, no contemporâneo”, avisa.

A livreira da Baleia e jornalista Nanni Rios acredita que a obra de Natalia é muito importante por colocar mulheres no centro das narrativas, em perspectivas tridimensionais. “São donas de suas próprias histórias, sem que a sua existência seja associada a outro personagem masculino”, diz. Nanni também lembra de um trabalho essencial que a escritora realiza. “Ela tem uma pesquisa incrível sobre geografias lésbicas, no sentido de mapear a produção literária de mulheres não-heterossexuais em território brasileiro. A gente brinca dizendo que, como nos apagaram da história, a gente vai tomar a geografia. A importância desse trabalho é absurda, porque demonstra que as mulheres não-heterossexuais estão produzindo há muito tempo”, explica. O trabalho em questão foi realizado no pós-doutorado da autora na Universidade de

Caxias do Sul (UCS).

Em Caxias, onde Natalia surgiu como autora e pesquisadora, seu primeiro editor foi o poeta Marco de Menezes. Para ele, a literatura que ela produz é um instrumento necessário. “Está em um lugar relevante para poder dar voz às temáticas e especialidades que lhe são caras, e que ela retorce bem retorcido, se distanciando do óbvio, sem esquecê-lo jamais”, analisa. A crítica literária Paula Sperb foi sua colega no mestrado na UCS e lembra que ela já demonstrava indícios de ter uma voz com muito para se dizer. “E isso de forma oral, mesmo. Ela tinha uma maneira muito única de se expressar, e que só se confirmou com a literatura dela”, indica.

Natalia acredita que, nos últimos anos, a literatura brasileira se tornou um pouco mais plural e diversa, devido a fatores como crescimento de pequenas editoras e até a proliferação de redes sociais e de leitura, contudo ainda há muito a se fazer. “Se a gente pensar historicamente até aqui, o momento é muito bom, mas se refletirmos sobre o que ainda pode ser, falta muito para termos uma literatura realmente diversa”, aponta.

Leia mais na página central